

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Unidade e diversidade nas imagens nacionais em *Meu querido canibal*, de Antônio Torres¹

Juliana de Souza Gomes Nogueira²

Paulo André de Carvalho Correia³

Roberto Henrique Seidel⁴

RESUMO: O presente trabalho procura da conta a forma como as imagens que fixam a idéia de nação são deslocadas pelo imaginário contemporâneo. Estas imagens serão analisadas na obra *Meu querido canibal*, de Antônio Torres, especificamente a partir da terceira parte da narrativa. O estudo fundamenta-se em dois marcos teóricos: a) no conceito de imaginário de Gaston Bachelard, segundo o qual o imaginário é a faculdade de deslocar imagens; e b) no conceito de nação como uma construção discursiva, segundo Stuart Hall. Objetiva-se analisar de que modo as imagens que representam a idéia de nação são problematizadas na narrativa contemporânea pela dialética identidade/alteridade que dilacera o discurso da unidade nacional.

PALAVRAS-CHAVE: imagens, imaginário, identidade e alteridade.

ABSTRACT: The present work aims analyze as the images that fasten a nation idea are dislocated by the imaginary contemporary. These images will be analyzed in Antônio Torres, “My Dear Cannibal”, specifically from the third part of the narrative. The study it bases in two theoretical landmarks: a) the concept of imaginary of Gaston Bachelard, according to which the imaginary is the faculty of dislocating images; and b) of the nation concept as a discursive construction that produce a representation, according to Stuart Hall. It objectifies analyze that way the images that represent the traditional idea of nation are problematized in the contemporary narrative by the dialectic of the identity/alterity that lacerates the speech of the national unit.

KEY WORDS: images, imaginary, identity/alterity.

¹ Uma primeira versão do presente texto foi apresentada em 28 de agosto de 2007, no Sethil, Seminário de História Literária, promovido pela Universidade Estadual do Sudoeste Baiano – UESB. Agradecemos ao Prof. Dr. Cláudio Cledson Novaes, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, pela leitura e orientações para aquela primeira versão.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana – PPGLDC/UEFS, integrante do Grupo de Pesquisa UEFS/CNPQ Descaminhos do Viandante: Espaço Nacional, Fronteiras e Deslocamentos na Obra de Antônio Torres.

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana – PPGLDC/UEFS, integrante do Grupo de Pesquisa UEFS/CNPQ Descaminhos do Viandante: Espaço Nacional, Fronteiras e Deslocamentos na Obra de Antônio Torres.

⁴ Professor Adjunto de Teoria Literária do Curso de Letras, da Especialização em Estudos Literários e do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana – PPGLDC/UEFS. Coordenador do Grupo de Pesquisa UEFS/CNPQ Descaminhos do Viandante: Espaço Nacional, Fronteiras e Deslocamentos na Obra de Antônio Torres.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

INTRODUÇÃO

Desde o modernismo, a literatura brasileira vem, com maior intensidade, relendo e deslocando o discurso de formação política e sociocultural da nação. No primeiro momento, como aponta Bernd (2003), este processo deu-se através da dessacralização, que corresponde, segundo Glissant (apud BERND, 2003, p. 20), “a um pensamento politizado, equivalendo a uma abertura contínua para o diverso, território no qual uma cultura pode estabelecer relações com outras”. Ainda segundo a autora, este processo de dessacralização — junto com o processo de sacralização — compõem uma espécie de binômio que caracteriza a formação da literatura brasileira: “A formação da literatura caracteriza-se, pois, por uma espécie de errância por movimentos alternados de predominância ora de forças sacralizantes, ora de forças dessacralizantes” (BERND, 2003, p. 20).

A relação literatura brasileira e identidade nacional é flagrante na dinâmica de nossa produção literária (PEREIRA, 1991, p. 3). Esta relação, como afirmou Cândido (1981, p. 23), consubstancia-se a partir do arcadismo, quando nossa literatura se configura enquanto um sistema articulado, relacionando, sob a ótica do racionalismo, as instâncias autor-obra-público. Esta relação, segundo Cândido, é marcada pela tensão dialética entre o localismo e o cosmopolitismo, ou seja, entre a função sacralizadora e a função dessacralizadora. Estas funções, por sua vez, serão intensamente tencionadas pela narrativa contemporânea.

Só bem recentemente começa[-se] a operar a síntese — ainda inacabada — deste jogo dialético, associando o resgate dos mitos à sua constante desmistificação, o redescobrimto da memória coletiva a um movimento contínuo de textos, o que equivale a um perseverante questionamento de si mesmo [...] (BERND, 2003, p. 20).

Neste processo recente de releitura, o imaginário contemporâneo vem deslocando as imagens que fixam uma idéia de nação, buscando justamente este questionamento de si mesmo, revelando os mecanismos ideológicos presentes na narrativa da identidade cultural. O romance *Meu querido canibal*, de Antônio Torres, pode ser inserido neste processo de

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

revisitação do discurso nacionalista, realizando um deslocamento que cria um espaço de leitura em que são desveladas as diferenças no discurso de unidade nacional, pautado em relações de poder entre as classes sociais (PEREIRA, 1991, p. 1).

Sob o foco de um narrador comprometido com a recuperação da memória indígena, o romance traz à cena a problemática da representação nacional e, por intermédio da trama histórico-ficcional, relê o discurso historiográfico oficial, tensionando-o e revelando, sob a suposta idéia de unidade nacional, a tentativa de apagamento das diferenças.

Segundo Olivieri-Godet (2007, p. 1),

Em *Meu querido canibal*, narrativa que recorre largamente à intertextualidade para reconstruir, num estilo ao mesmo tempo dramático e paródico, a história do Rio de Janeiro no século XVI, centrada no episódio da conquista da cidade pelos franceses (1555-1560), trata-se claramente de produzir um texto visando “corrigir” uma imagem do índio Cunhambebe, marginal e marginalizada, omitida ou deformada pela versão oficial da história, transformando Cunhambebe em herói nacional. É um narrador apaixonado e indignado que denuncia o apagamento do lugar do índio na história e na sociedade brasileiras e que empreende a construção desse herói marginal num tom polêmico e provocador que rasura as páginas da história. O romance trilha um caminho percorrido por inúmeras narrativas latino-americanas, o da resistência às representações oficiais e muitas vezes eurocêntricas da história, uma espécie de anti-história construída a partir do ponto de vista dos vencidos.

Esta “correção” da imagem do índio, como aponta a autora acima, recorre muitas vezes ao diálogo com outros textos, com outros signos, deixando explícito o caráter híbrido, heterogêneo e *alogêneo* na narrativa torresiana, conforme nos aponta Seidel (2006, p. 137). Neste sentido, pela heterogeneidade de formas e vozes que absorve e potencializa, *Meu querido canibal* se enquadraria no que Roland Walter (2002) chamou de *transwriting* (em português: *trans-escrita*) — termo utilizado por este autor no contexto da análise da produção literária latino-americana e chicana.

Destarte, a *trans-escrita*, segundo Seidel (2006, p. 142-143), seria

[...] um tipo de escrita que se move por através de um espaço intersticial dentro de e entre fronteiras, atravessando territórios culturais compostos por múltiplas zonas de contato, esforçando-se para ir mais *além* desse limbo cultural intermédio e assim tentar mudá-lo. A “trans-escrita” representaria, dessa forma, um esforço na direção do ato contínuo de des-escrever, reescrever o já antes escrito,

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

de descrever e escrever o novo a partir da experiência vivida nos distintos locais intermediários em constante processo de transformação nos limiares ambíguos entre nações, regiões, culturas, cosmovisões e identidades.

Destarte, como *trans-escrita* é que *Meu querido canibal* realiza o deslocamento das imagens nacionais fixas, des-escrevendo e reescrevendo por entre o discurso que fixa a idéia de nação, de unidade nacional e de identidade nacional. Devemos agora ver como este processo se dá mais propriamente a partir da imaginação literária.

1 APORTES DE VIAGEM

Gaston Bachelard, no ensaio *O ar e os sonhos* — que põe em foco a imaginação literária —, estabelece uma relação entre a imaginação e a mobilidade, afirmando que “o vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é imagem, mas imaginário (BACHELARD, 1990, P. 1). Pois a imaginação é a faculdade de deformar imagens “[...] é sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens” (Idem, p. 1). Ainda segundo o autor, “uma imagem que abandona seu princípio imaginário e se fixa numa forma definitiva assume pouco a pouco as características de uma percepção presente” (Idem, p. 1). O que nos interessa nessa relação entre a imaginação e a mobilidade é o dinamismo que não permite que uma imagem se fixe numa forma definitiva. Por intermédio do imaginário (individual e coletivo ao mesmo tempo), a imagem vai ser sempre algo aberto, algo que está em processo.

O imaginário, portanto, desloca o conceito de identidade nacional, pois, como afirma Stuart Hall (2005, p. 48), esta é “formada e transformada no interior da representação, isto é, constitui-se como unidade discursiva, simbólica”. Hall desvenda o processo narrativo da identidade nacional e demonstra que esta não está livre do jogo de poder, de divisões e contradições internas de lealdade e de diferenças sobrepostas.

Imaginário e identidade, portanto, são dois processos que se constituem enquanto abertura. O imaginário, na literatura brasileira contemporânea, caracterizar-se-ia como o pólo que mobiliza as diversas imagens e identidades nacionais. Far-nos-ia perceber a identidade

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

como processo, como movimento, como lugar de confluência do múltiplo e do diverso (BERND, 2003, p. 28).

Roland Walter já nos assinalou, nas obras do autor aqui estudado e nas obras de João Ubaldo Ribeiro,

a entre-condição ou o limiar da cultura e identidade brasileira, [um] espaço intersticial [...] caracterizado por tensão e ambigüidade precisamente porque representa o limite do “entre” da hegemonia, uma zona híbrida “onde a construção de um objeto político que é novo, *nem um e nem outro*”, significa a transcendência de polaridades e a possibilidade de formular novos sistemas e ordens sociais (WALTER, 2002, p. 11-12).

Neste espaço intersticial, por Bhabha denominado de *inbetweenes* (*entre-lugar*), Antônio Torres instala sua narrativa, “lascando” o discurso oficial da história, desvelando, sobre a homogeneidade do discurso historiográfico oficial, as heterogeneidades agentes na cultura brasileira.

2 VIAGEM A MEU QUERIDO CANIBAL

O livro, *Meu querido canibal* (2000), do baiano Antônio Torres, narra a luta e a dizimação indígenas da costa paulista e carioca no séc. XVI. É narrada a história de Cunhambebe, do chefe da Confederação dos Tamoios — união dos povos que viviam ao longo da costa para lutarem contra a dominação do conquistador português, em uma guerra que ocorreu ao longo dos anos de 1565-67. Na obra, além disso, o autor faz uma leitura mais acurada deste choque cultural entre portugueses e tupinambás, bem como ainda referindo tangencialmente a presença dos franceses, enquanto aliados dos tupinambás e inimigos do portugueses. Com esta obra, de forma geral, está-se dentro do que as teorias pós-coloniais têm colocado como uma de suas ênfases de trabalho, notadamente, o descortinamento da manipulação da história por parte do colonizador. Por intermédio dessa manipulação foi possível fazer valer apenas um dos pontos de vista acerca desse choque cultural entre o

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

colonizador e as culturas autóctones, o que tornou possível a omissão do genocídio de povos inteiros⁵.

Dessa relação entre literatura e história como meios de representação social, nasce a possibilidade de se desconfiar dos discursos hegemônicos, sobretudo o da unidade nacional. A obra de Torres é dividida em três partes: *I — O Canibal e os Cristãos*, *II — No princípio Deus se chamava Monan* e *III — Viagem a Angra dos Reis*.

Neste trajeto reflexivo, nosso foco centrou-se na terceira parte do romance: “Viagem a Angra dos Reis ou: Não enterre meu coração nas curvas destas estradas, florestas e águas, outrora de sonho e fúria”, que relata a viagem que o narrador faz, já no limiar do sexto século do descobrimento do Brasil, “em busca das trilhas perdidas, trilhas por onde andara seu querido canibal Cunhambebe”. Nesta seção, o narrador torna-se personagem de sua própria narrativa, deslocando-a até si mesmo enquanto entidade discursiva. Ele (o narrador) coloca em questão sua própria identidade, desvelando os processos discursivos que a constituem. Se, nas duas primeiras seções do livro, mesmo que se implicasse, ainda o líamos como uma entidade discursiva à parte, que, distante, seleciona os fatos que vai narrar; nesta última seção, ele se torna objeto da própria narrativa, solapando o conceito de narrador do discurso positivista da história oficial.

Isso nos revela o processo dialético que perpassa todo o romance. O processo que põe em tensão permanente o discurso de unidade nacional e as diferenças costuradas por este discurso. Este processo nos aponta a identidade como um processo contínuo de identificação, como “algo que vive na tensão, em uma permanente incompletude” (BERND, 2003, p. 27).

Mostra-nos ainda que uma representação nunca se torna fixa se nasce de uma “ação imaginante”, pois nesta a forma em que se apresenta um acontecimento artístico nunca constitui apenas uma espécie de veículo para a transmissão de algum conteúdo que independente dela pudesse existir. Pelo contrário, a forma incorpora o caráter híbrido sob tensão da narrativa e expõe sua própria heterogeneidade sob aparente unidade. Comunicando-nos suas ordenações, em *Meu querido canibal* a forma nos comunica sua razão de ser e seu

⁵ Acerca dos métodos de dominação, assimilação, aculturação e extermínio, especificamente neste contexto dos tupinambás, veja-se interessante trabalho recente de João Adolfo Hansen (2006).

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

sentido, num processo estético-dialético de revisitação da história indígena pelo imaginário contemporâneo. A viagem narrada no capítulo é uma metáfora e nos sugere a mobilidade, requisito fundamental para que uma imagem não se cristalice.

Se não há mudança de imagens, união inesperada das imagens, não há imaginação, não há ação imaginante. Se uma imagem presente não faz lembrar uma imagem ausente, se uma imagem ocasional não determina uma prodigalidade de imagens aberrantes, uma explosão de imagens, não há imaginação. Há percepção, lembrança de uma percepção, memória familiar, hábito das cores e das formas (BACHELARD, 1990, p. 1).

Consensualmente, criar é, basicamente, formar. Nós nos movemos entre formas (imagens). Infelizmente, a maioria delas “abandona seu princípio imaginário e se fixa numa forma definitiva, assume pouco a pouco as características da percepção presente” (BACHELARD, 1990, p. 2).

É assim que a história indígena, recontada pela literatura, revela o esforço do sujeito contemporâneo em reconhecer o outro, reconhecer a alteridade exterior, ao mesmo tempo em que revela os paradoxos da sociedade ocidental. Como bem pontuou Todorov (1983, p. 245), “os representantes da civilização ocidental já não acreditam tão ingenuamente em sua superioridade”. Simultaneamente, o elemento indígena já não é tão visto como vítima. Para deslocar a posição de inércia relegada ao índio e fazê-lo ocupar um lugar de anti-herói moderno, mais humano, Antônio Torres traça no capítulo “Viagem a Angra dos Reis” um trajeto que engloba desde os lugares outrora habitados pelos índios até os locais com fontes historiográficas sobre os feitos e acontecimentos envolvendo os indígenas.

A narrativa da identidade passa pela narrativa da nação, pelo discurso historiográfico. Já sabemos do apagamento que fez este discurso, ao longo de sua narrativa, das diferenças que nos constituem. Em nossa história oficial, não consta nenhum herói índio ou negro. Nossas datas históricas comemoram feitos do colonizador ou de seus descendentes. Só recentemente vemos começar algumas iniciativas que mudem isso um pouco: a instituição do dia da consciência negra, a introdução da história e da cultura dos afro-brasileiros nos currículos escolares, etc. O discurso historiográfico oficial sempre teve uma função

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

sacralizante, que tende à construção de uma identidade que circunscreve a realidade a um único quadro de referências, a história dos vencedores, a do homem branco cristão europeu.

Relendo a historiografia brasileira, Antônio Torres opta por problematizar a visão do índio como um herói humano. Para tanto, o narrador coloca em cena um discurso polifônico mais simpático aos franceses que aos portugueses e que se valida pela incursão histórica realizada em documentos de viajantes europeus, na terceira parte da narrativa, sobretudo, na coleção *Les vrais portraits*, do francês e religioso André Thevet. Nesta obra, sobre o herói

Cunhambebe está destacado: “[...] foi hóspede de Villegagnon por trinta dias, com todas as honras e pompas de chefe de Estado, de rei do Brasil [...]” (p. 30)⁶.

3 A HISTÓRIA E A FICÇÃO NAS TRILHAS DE *CUNHAMBEBE*

O primeiro capítulo da seção III do romance de Torres — “Em busca das trilhas perdidas” — traz o relato do trajeto do narrador até a Rodoviária (ícone desta viagem ao Brasil por se refazer) para iniciar o que ele chama de “programa de índio”: recompor as trilhas de seu herói Cunhambebe. Este trajeto do narrador não é apenas um trajeto espacial, mas espaço-temporal, pois ao mesmo tempo em que narra cronologicamente o trajeto do narrador até a Rodoviária, efetua um recuo temporal. Neste trajeto, o narrador desloca as imagens nacionais, revelando a “colcha de retalhos” sob a idéia de unidade nacional, deslocando o discurso historiográfico oficial, porque mobiliza o imaginário através da anacronia “passado/presente”, fazendo falar, nas suas entrelinhas, a diferença que tentara apagar. O segundo parágrafo do capítulo já nos evidencia isso:

Muita água rolou debaixo das pontes destes rios e mares, pensa o homem que saiu de casa nessa manhã ensolarada, deixando para trás os alfarrábios da sua consumição — pilhas aos montes de páginas ensebadas —, nessa perquirição insana feita de tralhas, atrás da história das batalhas perdidas, datas exatas, nomes corretos, mitos, fábulas. Em busca, principalmente isto, da história dos que aqui estavam quando os brancos chegaram, e com começo, meio e fim. Até aqui, só tem encontrado retalhos, fragmentos, e sempre com a indefectível ressalva: “presumivelmente foi assim”. Foi? Não foi? Às

⁶ Todas as citações do livro de Antônio Torres serão indicadas tão somente pelo número da página.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

vezes chega a parecer que os índios nem existiram. Vai ver foram só um delírio dos europeus. Personagens de suas ficções (p. 117).

Copacabana (outro ícone do cosmopolitismo) é o “tropos” de onde o narrador começa seu deslocamento, brincando com um dos elementos que, segundo Chauí (2000), constitui o mito fundador da nação: a *consagração da natureza*. Copacabana, enquanto paraíso terrestre referendado pelo mito fundador é colocado como palco de embates desde os quinhentos anos.

Se antes o embate era travado entre colonizadores e colonizados, agora o é entre traficantes e traficantes, traficantes e Estado.

Copacabana, bairro da cidade do Rio de Janeiro, funciona como um “tropos” dialético, no sentido de por em tensão dois pólos: a cidade como sentido de lugar, definido por Marc Augé (apud GOMES, 1999, p. 223), como identitário, relacional e histórico; e a cidade, como espaço de desenraizamento do sujeito que aponta para a desconstrução do sentido de nacionalismo, como nos afirma Gomes (Idem, p. 130):

[Os] cenários urbanos e rarefeitos [...] apontam para a desconstrução do sentido de nacionalismo, marcam um número expressivo de narrativas contemporâneas que sinalizam a reação a qualquer perspectiva de se estabelecer uma identidade nacional una e inquestionável para a literatura, a partir das cidades.

A primeira parada do narrador é na esquina entre a rua chamada Sá Ferreira com outra chamada Bulhões de Carvalho. “Já com uma nova pergunta na cabeça: quem foram, afinal, estes homens chamados Sá Ferreira e Bulhões de Carvalho? E por que não havia nomes de índios nas ruas da cidade dos tupinambás?” (p. 119). A esquina é a metáfora do deslocamento, lugar de cruzamentos, um *entre-lugar* em que a memória do colonizador que permanece no nome das ruas é resgatada pelo discurso do narrador, não para deixá-la intacta, mas para delas fazer aflorar a memória do colonizado. O que esconde a referência à esquina no trajeto do narrador? Talvez a proposta de pensar a identidade como uma zona aberta ao múltiplo e o diverso, como base da (re)elaboração identitária.

Outro trecho que nos ilustra o trajeto espaço-temporal do narrador é quando, no táxi, ele entra na Avenida Princesa Isabel e pára no primeiro sinal. A avenida, atulhada de

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

vendedores de bugigangas, recebe o nome da Princesa que entrou para a história do país por ter sido quem decretou a abolição da escravatura, a que “libertou” os escravos. Aí o narrador brinca e insere seu relato que relativiza o discurso da história oficial e tensiona o presente:

Livres, os escravos invadiram as ruas do Rio de Janeiro, sem saber o que fazer de si mesmos. Agora, tanto tempo depois, as ruas não estariam atulhadas de pretos, mulatos, morenos, amarelos e brancos em condições semelhantes? (p. 123).

Seguindo seu trajeto, o narrador passa pela enseada de Botafogo. Este relato segue-se ao relato do assalto dos turistas franceses, por um falso taxista. Estes dois relatos põem em tensão dois elementos da construção identitária da nacionalidade brasileira: a consagração da natureza através da identificação do Brasil com o Paraíso Terreal, conforme assinalou Sergio Buarque de Holanda, em *Visão do Paraíso* (2004), e a cordialidade do povo brasileiro. Nos vemos e nos mostramos como um país que é um “paraíso tropical”, lugar de maravilhas naturais. Mas neste “paraíso tropical” a violência a cada dia se torna mais banal. Na narrativa, turistas que chegam para aproveitar o éden abaixo da linha do equador são seqüestrados, assaltados e mortos. Este evento, portanto, coloca em cheque dois clichês caros para o discurso hegemônico de nacionalidade brasileira: o primeiro, de que vivemos em um paraíso; e o segundo, de que o brasileiro é um povo cordial. Afinal, que cordialidade há em usar o táxi como meio para assaltar turistas e matá-los?

O tema paradisíaco e sua associação à imagem do Brasil é longamente explorado por Sergio Buarque de Holanda. Em *Visão do Paraíso*, o autor trata, principalmente, da formação dos motivos edênicos no descobrimento e na colonização do Brasil, justapondo, para tal, lendas e verdades transfiguradas pelo imaginário dos séculos XV, XVI e XVII, o autor analisa como a busca pela “idade de ouro”, utopia recessiva, coloca, nas novas terras, a ocidente, o paraíso terreal: “A idéia de que do outro lado do Mar Oceano se acharia, se não o verdadeiro Paraíso Terreal, sem dúvida um símile em tudo digno dele, perseguia, com pequenas diferenças, a todos os espíritos” (HOLANDA, 2004, p. 184).

O narrador segue, então, pelo Flamengo, onde há um monumento erguido em homenagem a Estácio de Sá, do qual contam a história de que foi flechado no rosto e morreu

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

um mês depois. Estácio de Sá é lembrado como herói. O monumento em sua homenagem funciona como elemento sacralizante da identidade cultural, construída através da ótica dos vencedores. Mas aí o narrador opera seu deslocamento: “Bem pelo visto, ou melhor, pelo que não se vê... Aqui também os mais velhos do lugar tiveram sua história empurrada para debaixo de um tapete asfáltico” (p. 139).

O segundo capítulo da seção, “Programa de índio”, que relata o trajeto do narrador até Angra dos Reis, em busca de refazer as trilhas do querido canibal, traz uma epígrafe com o poema de Adriano Espínola, o qual opera também um deslocamento espaço-temporal e nos põe diante da tensão apagada pelo discurso da história oficial: “Atenção, não se abale:/assassinato e roubo/há 500 anos”.

Enquanto segue seu trajeto espaço-temporal na viagem de ônibus, o narrador, jogando com a intertextualidade, desvela o processo de apagamento das diferenças, relatando o discurso sobre a origem de Angra dos Reis:

[...] Afinal, por aqui a história que se conta começa assim:
Angra dos Reis fica na baía de Ilha Grande, no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, com mais de duas mil praias, centenas de ilhas, rios, cachoeiras e o verde do mar. Foi descoberta pelo navegador português André Gonçalves em 1502. Angra quer dizer “pequena baía”. Reis porque foi descoberta no dia dos Santos Reis Magos (p. 151).

O terceiro capítulo, “Nenhum índio nas ruas”, relata a chegada do narrador a Angra, sob um sol nauseante, e o encontro, na Casa de Cultura, com um personagem que busca reescrever/reimaginar a memória perdida de Cunhambebe. Na primeira parte, ele joga com o extermínio indígena e sua própria identidade, formada também pelo fracasso dos indígenas. Sob o sol escaldante, constata: “nenhum índio nas ruas” (p. 157), mas retrata-se: “tem um sim senhor. Você. A errar por ruas selvagens como um espectro tupinambá, um herdeiro de seus fracassos” (p. 157). Na segunda parte, o narrador situa a cena na “Casa de Cultura”. É lá que ele descobre que “nem toda história está perdida”. Em seu contato com Délcio, descobre que a cidade está preocupada em “resgatar” a memória dos que viviam antes da chegada dos portugueses. Esta preocupação com o “resgate da memória” do índio abre espaço para o questionamento da memória preservada pela história oficial. Junto com a cena anterior, revela

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

o que estamos discutindo ao longo deste trabalho, a tentativa de apagamento da diferença, pelo discurso da história oficial, na construção da identidade nacional.

O capítulo “A expedição”, narra as andanças do narrador nas trilhas de seu querido canibal. O título do capítulo sugere novo movimento, processo. A busca pela trilhas de Cunhambebe é a reescrita regressiva de uma memória que não foi preservada pela história oficial. Concomitantemente, é discutir o problema da alteridade, entendendo os mecanismos que forjaram uma identidade nacional una, etno e eurocêntrica; e perceber a identidade como lugar de confluência do múltiplo (BERND, 2003, p. 28). Portanto, algo que vive na tensão.

A querela para saber por que o lugar que todos conheciam como Frade também era chamado de Vila de Cunhambebe é ilustrativa neste sentido. Há nela a memória do branco, autorizada pelos livros de registro oficiais e a memória do índio que não foi registrada. Os dois topônimos se entrecruzam em tensão, como em tensão se constituem estes dois sistemas simbólicos na constituição da identidade: um, a história dos vencedores que se estabelece tentando apagar as diferenças; o outro que resiste sob um “tapete” para o qual foi jogado, se inscrevendo nas entrelinhas do discurso da história oficial.

Após releituras da história da colonização do Brasil, apresentando, como que em flashes, alguns fatos significativos, embora pouco conhecidos, da negação da cultura indígena e que fazem parte do passado e do presente nacional, o narrador, no último capítulo da seção e do livro, narra-nos a declaração de uma autoridade portuguesa em sua chegada ao Brasil: “Não vamos discutir História. Isto será perda de tempo”. Como bem nos lembra o narrador, tal atitude nos lembra a atitude dos jesuítas com uma espada na mão e uma cruz na outra.

Discutir a história é discutir o processo da formação identitária brasileira, abrir-se à confluência do múltiplo. E tencionar o discurso que tenta apagar as diferenças em vista de uma certa unidade nacional, produzida, em nosso caso, sob a ótica dos vencedores. “Ora, pois, pois. Perda de tempo para quem, cara-pálida?” (p. 183).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Meu Querido Canibal se insere no contexto das narrativas que buscam interrogar as relações entre a literatura e a história. Segundo Olivieri-Godet (2007, p. 1): “O romance trilha um caminho percorrido por inúmeras narrativas latino-americanas, o da resistência às representações oficiais e muitas vezes eurocêntricas da história, uma espécie de anti-história construída a partir do ponto de vista dos vencidos”. O que nos leva a afinar o romance com o pensamento de Homi Bhabha, segundo o qual “as culturas nacionais estão sendo produzidas a partir da perspectiva dos vencidos” (BHABHA, 2005, p. 21).

A denúncia explícita ao apagamento das diferenças e o trabalho da imaginação e reescrita da memória do vencidos faz da narrativa um tropos de tensão. Enquanto sistema simbólico, de intercâmbio de sentidos, o romance produz um espaço para pensarmos a narrativa da identidade cultural brasileira como diversa e múltipla, na qual confluem diversos matizes culturais numa permanente troca de sentidos.

O entrecruzamento de ficção e história no romance é o que constrói este espaço de confluência do múltiplo e do diverso. É este entrecruzamento que faz aflorar das teias do discurso historiográfico oficial a memória dos vencidos. Como afirma o narrador, da história de Cunhambebe:

até aqui, só tem encontrado retalhos, fragmentos, e sempre com a indefectível ressalva: “Presumivelmente foi assim”. Foi? Não foi? Às vezes chega a parecer que os índios nem existiram. Vai ver foram só um delírio dos europeus. Personagens de suas ficções (p. 117).

Meu querido Canibal convida-nos, com um novo olhar ideológico, a uma reflexão sobre a narrativa da história oficial, sobre as imagens que fixam uma idéia de nação, que constituem uma identidade cultural, para nos revelar o que afirma Stuart Hall (2005, p. 65): “As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas de lealdade e de diferenças sobrepostas”.

Meu querido Canibal faz aflorar, das teias do discurso da unidade nacional, as diferenças que este discurso busca costurar numa única identidade, sobretudo porque o seu narrador, em vista do apagamento que se operou em torno da identidade indígena, canibaliza

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

antigos relatos históricos e narrativas de viagens, ou busca, pelo Rio de Janeiro atual, a memória coletiva de um povo que integra a problemática da identidade brasileira.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, v. 1.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: o mito fundador e a sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- GOMES, Renato Cordeiro. Cidade e identidade nacional na literatura brasileira contemporânea. In: ANDRADE, Ana Luiza et al. (Org.). *Leituras do ciclo*. Florianópolis: ABRALIC; Chapecó: Grifos. 1999.
- HANSEN, João Adolfo. Anchieta: poesia em tupi e produção da alma. In: ABDALA JR., Benjamin; CARA, Salete de Almeida. *Moderno de nascença: figurações críticas do Brasil*. São Paulo: Biotempo, 2006, p. 11-26.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do paraíso*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- LIMA, Lílian A. de Oliveira. Descentrando o olhar em Meu querido canibal, de Antônio Torres. *Cadernos de Literatura e Diversidade*. Feira de Santana: UEFS, 2006.
- OLIVEIRA, Humberto Luiz L. de. Imagens do outro: leituras plurais da alteridade indígena. In: FORGET, Danielle; OLIVEIRA, Humberto Luiz L. de. (Org.). *Imagens do outro: leituras divergentes da alteridade*. Feira de Santana: UEFS/NEC/ABECAN, 2001, p. 69-97.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

- OLIVIERI-GODET, Rita. *Os fios híbridos da tessitura da história em O nobre seqüestrador, de Antônio Torres*. Disponível em: www.antoniotorres.com.br. Acesso em: 28 jul. 2007.
- OLIVIERI-GODET, Rita. Memória, história e ficção em *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro. In: FONSECA, Aleilton; PEREIRA, Rubens Alves. *Rotas e imagens: literatura e outras viagens*. Feira de Santana: UEFS, 2000, p. 209-222.
- PEREIRA, Elvya Shirley Ribeiro. *A representação do nacional em Triste fim de Policarpo Quaresma*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1991.
- SEIDEL, Roberto H. A questão da alteridade na cultura brasileira: uma leitura de *Meu querido canibal*, de Antônio Torres. *Studium, Revista de Filosofia*, v. 9, n. 17, p. 127-145, 2006.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América, a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- TORRES, Antônio. *Meu querido canibal*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.
- WALTER, Roland. *Narrative Identities: (Inter)cultural In-betweenness in the Americas*. Bern/Berlin/New York: Peter Lang, 2002. [Versão em português feita pelo próprio autor do livro].